

**Citazione bibliografica:** Anónimo (Bento Morganti) (Ed.): "Num. 5", in: *O Anonymo. Repartido pelas semanas, para divertimento e utilidade do publico*, Vol.2\005 (1753), pp. 33-55, edito in: Ertler, Klaus-Dieter / Fernández, Hans (Ed.): Gli "Spectators" nel contesto internazionale. Edizione digitale, Graz 2011-2019, hdl.handle.net/11471/513.20.4507

N.º.5

*Sonho moral.*

DEpois de ter revolvido varios daquelles papeis para ver em que havia pegar primeiro, como não faço esta diligencia se não quando quero fazer horas para me deitar, apertou como o sono, e não tive mais remedio, que ceder ás suas forças, e dar lugar a que fizesse de mim o que lhe pareceo. Encosteime hum pouco com tenção de não ser por muito tempo, mas enganeime de meyo a meyo: porq# pegou em mim de taõ de vôtade, que assim vestido, inteiro, e entregado passei toda a noite sem mudar de sitio. Acordei pela manhan, vi o dia claro, e disse comigo: boa a fiz; isto para a saude he huma maravilha; não havia osso que me não doesse, porque fiquei com o corpo torcido, encostado a hum braço, o pescoço dependurado, e todo eu feito em hum novello. Mas tudo isto me pareceu nada à vista (sic) de gosto, que tive lembrando-me do que sonhei em todo aquelle tempo; e nesta occasiã acabei de conhecer, que não ha cousa mais certa, que sonhar hum homem dormindo o que muitas vezes fala acordado; ou que retendo a idèa muitas especies do que se pratica de dia, fórma a imaginaçã as praticas, as vistas, os passeos, as negociaçoens, e outras cousas semelhantes de que se excitam os sonhos; o como isto se faz, corre por conta dos Medicos; e certo he, que eu sonhei com o mesmo sobre que tinha ouvido falar no dia antecedente, que foi sobre huma conferencia, ou conversaçã que teve Alexandre com Diogenes Cinico. Como esta foi a ultima cousa sobre que discorri com outros amigos, foi tambem a primeira com que sonhei, e ainda que isto foi entre especies confuzas, quando acordei là me lembrãram algumas, e o melhor que pude fiz meus apontamentos para não perder de todo a lembrança, com tenção de quando tivesse tempo, pôr em alguma ordem esta prática, porque lá viria tempo que servisse. Assim como pude fui escrevendo o que me lembrava, e tal qual he ahi a remetto aos amigos da Corte, e segundo o que me parece, entendo que della não falta que aproveitar, o ponto he saber bem escolher: mas a isto digo: *quis potest capere capiat* Alexandre. Não me conheces? Pois sabe que sou o Grande Alexandre.

Diogenes. E tu não me conheces ò Magnanimo Rey? Pois eu sou Diogenes.

A. Eu sou aquelle filho de Jupiter Amon.

D. E eu sou o filho de *Serapis que morde*.

A. Eu sou o que descarrego vigorozos golpes com a espada.

D. E eu os descarrego tambem com a lingoa.

A. Eu disbarato exercitos inteiros com os meus soldados.

D. E eu acometo com os meus dentes Cidades inteiras.

A. Não sabes, que sou o Macedonico!

D. E eu o Cinico, ainda que me não importa que saibas.

A. Eu não caibo no Mundo.

D. E para mim he bastante lugar esta tina.

A. Não tremes com a minha presença?

D. Eu não sou folha, que haja de tremer com qualquer vento; porque o poder humano he hum leve vento a respeito da Omnipotentia Divina.

A. Eu sou aquelle vento, que arranca as arvores mais antigas, e que destruo os corpos mais robustos.

D. Pois quanto mas sopras, mais depressa passas.

A. Ao meu Cetro se curvaõ os Tronos, e se postraõ os Imperios.

D. Não: elle he o que se curva para usurpar Imperios, e pescar Tronos.

A. Logo eu sou ladram, usurpador, e pescador!

D. Sim tudo isto es. Porque es ladrao coroadado, e pescador de enguias: pois quando hum Rey toma o que he seu, he ladram coroadado. e pescador de enguias, porque saõ de pouca consideração as conquistas terenas. Vós outros Monarcas não fazeis escrupulo de usurpar Provincias inteiras, ao mesmo tempo que mandaes tirar a vida aos miseraveis, que roubaõ huma pequena ceza. Pescaes os Reynos no turbido das revoluçoens, assim como faz o Pescador com as enguias batendo as aguas dos lagos, mas depois vos fogem tambem das mãos os Reynos, assim como ao pescador fogem as anguias. Nesta mūdana pesca tudo o que se toma, quanto mais se aperta tanto mais foge.

A. Tu Diogenes tens muita liberdade em falar!

D. Porque tambem vós fois muito resoluto em adquirir.

A. Eu se tomo os Estados alheos he para os dar, e não para os reter.

D. Excelente generosidade de ser liberal do que não he seu?

A. Os Reys tem o Direito nas armas, e valem mais as pontas das espadas, que os paragrafos das Leys para decidir qual seja o Senhor do Mundo: porque nacendo este livre, foy decretado pela fortuna para quem o occupasse com valor: e por isso he de quem o ganha.

D. As armas ordinariamente se apoderam com a força de tudo quanto se não pòde conseguir com a razaõ. Vós outros destruidores da terra formais de cada pretexto hum artigo para convalidar as vossas conquistas. Vós como filho putativo de Jupiter pertendeis ter nacido herdeiro do universo, mas nisto vos enganais muito; porq# vos não pertence mais que sete palmos da terra como a outro qualquer homem. E assim seja o vosso sepulcro hum magestoso cenotafio, tam magnifico como o vosso Trono, quaes seraõ os vossos creados, e os vossos cortezaõs depois da morte? Não seraõ outros mais que aranhas, ratos, toupeiras, bichos, moscas; que todos estes verdadeiramente saõ os symbolos dos que assistem nas Cortes.

A. Ouvis amigos como vos trata este Filosofo, ou como vos morde este Cinico?

D. Não vos admireis; porque não he justo que trate melhor os creados do que o amo.

A. E com effeito parecem estes meus creados, e cortezaõs moscas, bichos, toupeiras, ratos e aranhas?

D. Não ha duvida, que assim me parecem, porque na verdade o saõ.

A. Grande liberdade de Filosofo! ora prova o que dizes, e ouviremos a tua prova, mas esta ha de ser som sophismas.

D. Eu abomino os sophismas, e arrenego de quantos sophistas houve em Tiro, Smirna, Pergam, Epheso, Larisso, Assiria, Bithinia, Sidonia, Cilicia, Carthago, e Athenas, juntamente com toda a mentiroza Grecia, que todas estas foraõ patrias dos Sophistas antigos, e se houvesse de referir as dos modernos nam poderiam caber em hum grande Calepino. Todos elles foraõ Espectros da Filosofia, Fantasmas da verdade, Mascaras as Escolas, Hipocritas das Academias, e Romendões dos argumentos; Eu não ando com o pescosso torto à Beata, nem trago a barba penteada como cauda de Andorinha: Vedes as minhas mãos, que não tem unhas de Grifo; porque só me valho dos dentes para dar alguma mordedela no vicio, mas não das unhas para rapinar o ouro, e a prata, nem as bolças alheas. Olhai bem para mim desde a cabeça até os pès, e vereis como sou pobre, e disto podereis logo inferir que sou Filosofo professor da verdade, a qual anda nua da mesma sorte, que anda a verdadeira Filosofia, porque cada hum lhe arranca hum pedaço de vestido.

A. Assim serà, mas eu com tudo vejo que trazes hum capote bem forrado.

D. Isto que vez he misteriozo. Eu sou o primeiro Filosofo, que uzou disto; não para me reparar do frio, porque para me instruir no sofrimento muitas vezes me exponho à neve; mas para ensinar que se devem evitar as frioleiras, deixando o uzo dellas para mancebos, que sómente cuidaõ no que lhes permite a sua idade: porque este genero de falar não concorda com a Filosofia seria.

A. Tudo està muito bem; mas tu ainda me não mostras como estes meus creados sejaõ aquelles que simbolicamente chamastes?

D. Entendo, que quereis cossar a cegarrega para que cante não sendo Agosto! Não me façais falar; porque direi muito, e mais do que talvez tereis gosto de ouvir.

A. Dize quanto quizeres, pois eu vim muito de proposito para te ouvir, já que te chamas cegarrega.

D. Eu sim sou cegarrega; mas das que se nutrem com o orvalho; isto he com a razão natural que o Ceo me destilla; e por isso inimigo do artificio com que se alimentaõ ainda à vossa custa esses qu e vos assistem, e por isto são aquelles que eu disse.

A. Mas como?

D. Os que vos assistem são como moscas, porque se andaõ pondo sempre nos vossos ouvidos cheios de adulação, e vos cercaõ, porque tendes muito daquelle mel, que move os humores, e adoça a boca.

A. Queres por ventura dizer nisto o ouro?

D. Isso mesmo quero dizer, da mesma sorte que pela prata se figura o leite, que atrahê a si tambem as mosca: Por isso os judeos, que tudo entendem pela casca, e não segundo o miolo, se apressaõ, e trabalhaõ para chegar à terra prometida abundante de leite, e de mel, porque se figuraõ ser abundantissima de prata, de ouro, e assim fazem ordinariamente os que assistem aos Principes, que somente os seguem pelo interesse, e convenciencia propria, e não por amor.

A. Disseste muito bem, mas prova agora como são bichos.

D. Isto he muito facil de provar; são estes taes bichos da seda, que sempre trabalhaõ com a boca. Nascidos como estes bichos, de huma pequena semente (porque ordinariamente são de pequena consideração no seu principio) se alimentaõ de folhas, isto he da verde esperança de subir: tanto que estaõ gordos, vaõ subindo por huns ramos muitos secos, à força de empurroens, e penetrantes picaduras: quando se achaõ no alto principiaõ a fabricar huma armadilha, ordindo invençoenes subtis, e calumnias refinadas, em que por ultimo elles mesmo cahem, e ficaõ prezos.

A. Ora vede amigos como o cinico vos trata; mas que semelhança tem com as toupeiras.

D. São toupeiras cegas não só porque não vem, mas porque não querem ver aquella luz que alumia, e aclara o homem interior: são toupeiras porque se nutrem da terra, e porque nos mesmos affectos da terra vivem sepultados, e nunca abrem os olhos da consideração se não quando morrem. Oh (dizem entaõ) quem tivera servido taõ cuidadosamente a Deos assim como servimos ao Principe que este foi só o nosso Deos; mas Deos ordinariamente sem mãos, como Dagon, porque o Principe que não dá, e não premea he muito semelhante a elle, e por isto não foi Deos verdadeiro, mas supersticioso, que somente lhe agrada o fumo: sendo que o verdadeiro chamando-se Deos porque dà, difunde, e espalha beneficio a luz, e porque não he hum Deos das toupeiras, por isso aquelles o não conhecem.

A. Dizes excellentemente; mas que semelhança tem com os ratos?

D. A estes insectos não muito semelhantes; porque ha muita quantidade de ratos aonde ha mais abundancia, e se encontraõ com mais frequencia, e por isso não faltaõ nos Palacios dos Principes, onde tudo anda a rodo, porque toda a natureza se dezentranha para lhe offerecer as iguarias mais esplendidas, e saborozas, são ratos, e ratos pessimos porque com a sua lingua roem continuamente, e quando não tem em que roer, roem no mesmo Principe. São ratos porque *muribus magna est dulcedo furandi* como diz Textor, e vivem ordinariamente de furto, e de rapina.

A. Muito bem te tenho entendido amigo Diogenes; mas dame tambem agora algum documento que me sirva de antidoto para me perservar da tua censura critica.

Estando nestas ultimas palavras, e tendo Diogenes ja quasi a resposta na boca, dei huma volta, e acordei, mas como o sono era bastante, peguei outra vez nelle, e como a idea se achava gostozas de ouvir semelhante pratica, tornei outra vez a continuar no mesmo sonho, e là me causava meus sustos ver, que se perderia o fio, mas succedeume bem, porque não perdi couza alguma daquella boa conversação, e fiz muito para que me não esquecesse nada. Como foi dilatada, custoume muito fazer della huma reminiscencia, e pouco a pouco direi o que me for lembrando. e já não pòde ser por junto serà por partes, por não perder o costume; que assim faz quem como eu tem pouca memoria, e menos entendimento, mas a vontade he grande de servir o publico em cousa em que lhe possa ter alguma serventia.

LISBOA:

Na Officina de PEDRO FERREIRA, Impressor da Augustissima Rainha Nossa Senhora,